

Ensino Superior Educomunicativo

Carolina Pedrosa Cardoso Itocazo

A educomunicação trata (dentre outras coisas) de uma forma de fazer educação pautada no diálogo e que prioriza o desenvolvimento de criticidade. Dois pontos dos quais a sociedade atual, tão saturada de discussões rasas de rede social, carece: disposição para o diálogo e capacidade de análise crítica. A educomunicação, portanto, é necessária, urgente.

Pode parecer que a educomunicação é uma realidade distante das instituições de ensino formais, que seria algo limitado à espaços inovadores ou somente à educação não formal ou informal. Este é um engano comum e perigoso, pois pode acabar privando alunos de uma experiência educacional em sala de aula. É justamente o que busco tratar no presente texto: mostrar *como* é possível, através de ferramentas e habilidades muito caras à educomunicação, promover uma dinâmica em sala de aula que privilegia o diálogo e a troca, e que, com isso, desenvolva competências sociais importantes.

Além de necessária, a educomunicação é possível ao educador em suas atitudes cotidianas, ainda que dentro de um sistema padrão de educação. É possível agir como um educador dentro de diversos tipos de instituições de educação formal. Para abordar essa possibilidade, listo abaixo algumas das técnicas e prioridades da minha prática diária na universidade particular.

A Prática na Universidade Privada

Diálogo

Essa é a palavra fundamental da prática educacional.

Caso fosse necessário resumir toda a prática docente pautada pelos princípios da educação em apenas uma palavra, eu resumiria com “diálogo”. Não existe educação sem diálogo, assim como Paulo Freire afirmava que não existe educação sem diálogo. (FREIRE, 2013).

É preciso esclarecer que diálogo não representa ausência de regras ou falta de diretrizes por parte do professor. Significa, entretanto, que as regras estão estabelecidas entre as partes (sempre que possível), muito claras e passíveis de discussão. Diálogo em sala de aula significa reconhecer os alunos. Entendê-los como pessoas presentes na sociedade e construtores do ambiente no qual decorrerá a aula. Como indivíduos com interesses e repertórios únicos, não submetidos à uma padronização que seria bastante confortável a uma linha de produção porém é absolutamente impensável para uma instituição que lida com seres humanos, como a escola.

Vamos lembrar que o modelo escolar foi baseado em uma estrutura industrial de linha de montagem: o material bruto (os alunos) entra na linha de produção (séries iniciais), recebe modificações padronizadas (conteúdos e avaliações) e sai ao final idealmente todos iguais, com os mesmos conteúdos. É um princípio iluminista de que o aluno será ‘salvo das sombras da ignorância’ ao ser iluminado pelo conhecimento do seu mestre, único detentor de conhecimento. Existe ainda o fato de o ensino para o povo, como instituição, ter sido uma resposta à

demanda de alfabetização básica para formação de operários para alimentar a sociedade transformada pela revolução industrial. Era preciso formar pessoas minimamente qualificadas para trabalharem nas fábricas¹.

Observando criticamente o cenário da educação, percebemos que não houve alterações fundamentais na prática da educação desde seu início: o aluno ainda é tratado como receptor do conhecimento transmitido pelo professor, como se aquele não tivesse seus próprios conhecimentos e repertórios; assim como ainda é esperado que todos os alunos deixem a escola sabendo as mesmas coisas (e para medir isso existem os testes padronizados, tão valorizados pela sociedade).

Neste cenário, buscar ser um educador em sala de aula, que presta atenção aos alunos, dialoga, propõe projetos conjuntos, acompanha (sem atropelar) o desenvolvimento de cada aluno e valoriza o processo de aprendizagem (mais do que o produto final ou as notas) é um exercício de resistência. Resistência necessária, possível e prazerosa.

Propor diálogo pode ser mais fácil do que parece, desde que observadas alguns princípios simples. A principal: reconhecer e validar o aluno.

Primeira aula: vamos nos conhecer

Lecionando em uma sala de 50 alunos, sendo esta sala uma dentre tantas outras, muitas vezes é difícil sequer lembrar o nome dos alunos. Cheguei a ter mais de 500 alunos em um semestre, tentar decorar todos os nomes é guerra

1 Sir Ken Robinson, educador britânico que se popularizou devido às suas palestras no formato TedTalk. Robinson é autor de 9 livros (de 1977 a 2009), todos a respeito de aprendizagem. Recebeu em 2003 o título de cavaleiro da corte britânica (Sir), por serviços prestados à educação. Em uma palestra chamada Changing Education Paradigms (2008) ele fala sobre o princípio Iluminista e Industrial da educação pública. “The problem is that the current system of education was designed and conceived and structured for a different age. It was conceived in the intellectual, culture of the enlightenment. And in the economic circumstances of the industrial revolution”. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/ken_robinson_changing_education_paradigms>. Acesso em 07 mai. 2018

perdida. Eu me rendo. Mas quando o aluno sente que você está preocupado com ele, validando a presença dele como indivíduo na sala de aula, ele é compreensivo com o fato de o professor não saber o nome dele (mas saber que ele tem medo de quebrar o equipamento, por exemplo).

Na prática: todo início de turma, na primeira aula, eu me apresento. Entendo que os alunos têm o direito de saber quem é a figura que os acompanhará ao longo do semestre. Falo não apenas da minha carreira acadêmica e profissional mas falo também dos meus princípios em relação à educação, da escola democrática na qual meu filho estuda, dos meus interesses na vida. Logo em seguida, peço para cada aluno falar um pouco de si. Pergunto qual o interesse do aluno na disciplina que estou lecionando, quais motivos levaram o aluno a ingressar naquele curso. Desta forma escuto histórias fantásticas sobre mudanças drásticas no momento de inscrever-se na faculdade, histórias de família, histórias que compõem aquele indivíduo que por sua vez compõe o coletivo no qual todos estão inseridos (a dinâmica daquela turma). Muitas vezes os alunos descobrem coisas sobre os colegas naquele momento de troca. Pode ser cansativo com turmas grandes, mas é fundamental para a criação de vínculo ao longo do semestre. Já tive a experiência e turmas que não tiveram esse momento de apresentação na primeira aula tendem a ser menos engajadas e coesas. Além de escutar, faço anotações (nome e algumas palavras chave para cada aluno) que me ajudam a lembrar da turma nas primeiras aulas (releio as anotações 5 minutos antes de começar a aula, assim eu me recordo de qual é aquela turma, quais interesses principais, quais alunos podem precisar de mais atenção, quais não declararam nenhum interesse, etc).

Ao final da aula inicial, eu peço aos alunos um exercício de representação (de si mesmo ou de um colega, dependendo da matéria e da turma). O exercício é apresentado na aula seguinte, gerando mais uma aula descontraída e mais uma oportunidade de nos conhecermos melhor.

Devolutiva e acompanhamento

Outra prática que contribui para a criação de vínculo e para a consolidação do conteúdo aprendido é a devolutiva após cada exercício. Na devolutiva o educador deve deixar claro: o que era esperado no exercício naquele ponto de

aprendizagem no qual o aluno se encontra; quais pontos foram atingidos: quais não foram atingidos; como o aluno pode resolver os problemas encontrados.

É muito importante que a devolutiva seja rápida e aconteça, preferencialmente, na mesma aula na qual o exercício foi proposto e realizado. Isso é essencial para a fixação do conhecimento. É comum que nas faculdades os alunos tenham uma aula por semana, de cada disciplina, portanto o que foi ensinado em uma aula será retomado apenas uma semana depois. Ensinar em uma aula, propor o exercício nessa aula e dar a devolutiva só na aula seguinte significa um intervalo muito grande desde o momento em que ele viu o conteúdo até o momento em que ele recebeu um *feedback* do professor. A devolutiva imediata faz com que o conteúdo visto e a prática realizada façam sentido em relação às críticas ou pontuações recebidas sobre o exercício.

Turmas pequenas proporcionam um acompanhamento mais próximo, tanto durante a realização do exercício quanto após a conclusão, mas é importante tentar desenvolver uma dinâmica de devolutiva também com turmas maiores. Separar os alunos por grupos auxilia a lidar com o excesso de alunos por turma. Além disso, quando os grupos são heterogêneos (entre alunos que têm familiaridade com o assunto e alunos que estão vendo o conteúdo pela primeira vez), é possível desenvolver uma dinâmica de tutoria na qual um aluno ensinará outro ou outros. Como todo professor entende empiricamente: ensinar é a melhor forma de aprender. Além disso, quando um aluno se propõe a ensinar outro aluno, é possível que o uso de termos, gírias e formas de falar próprias daquele grupo facilite o entendimento a respeito do conteúdo (que pode ter sido explicado pelo professor de forma mais precisa, mas talvez mais distante da realidade dos alunos). Funciona como uma “adaptação” de linguagem, além de valorizar o conhecimento prévio dos alunos.

Devolutiva de prova e avaliação continuada

Quanto trata-se de devolutiva de prova, o cenário é um pouco diferente. Muitas instituições de ensino determinam um modelo de avaliação que deve ser aplicado a todas as disciplinas. Uma forma de obedecer a determinação da instituição mantendo a coerência com os princípios educacionais é aproveitar o momento das provas para ensinar os alunos, dando não apenas uma nota

de avaliação mas também devolutiva de cada pergunta e do desempenho geral dos alunos. Mais uma vez a grande quantidade de alunos dificulta a devolutiva de provas, mas o professor pode contornar esse problema utilizando plataformas digitais para aplicação de prova nas quais, depois de corrigidas as provas, o aluno possa ver tanto a resposta esperada (que o professor precisará inserir apenas uma vez no sistema e aparecerá para todos os alunos) quanto uma rubrica de avaliação disponível para visualização dos alunos (assim os alunos saberão em quais critérios perderam pontos). Caso o professor não disponha de sistema online próprio para aplicação de prova, poderá adaptar utilizando outras ferramentas disponíveis na internet (como google forms) e/ou fazendo uma aula de correção das questões da prova.

A avaliação continuada também é possível dentro do sistema de avaliações determinado pelas instituições. Algumas das práticas que eu adoto são: aplicar a prova de meio de semestre sempre com consulta e enviar para os alunos formulários digitais (novamente google forms) de autoavaliação e avaliação do curso. Os formulários são excelentes para coletar dados a respeito da turma e assim decidir os encaminhamentos das próximas aulas, o chamado “ensino híbrido” (coletar dados digitalmente a respeito da aprendizagem dos alunos e utilizar tais dados para orientar a tomada de decisão do professor). (HORN, 2015).

A prova com consulta permite que o aluno pesquise e aprenda mesmo durante a realização de um teste. Cabe ao professor desenvolver questões que exijam correlação de dados e interpretação de contexto, não apenas respostas diretas. Um exemplo real de uma das disciplinas que leciono: fotografia. Os alunos tiveram aula sobre história da fotografia e nela foi debatido o contexto histórico e social do desenvolvimento de tal tecnologia. Ao invés de perguntar na prova ‘quando foi inventada a fotografia’, eu questiono a relação entre Fotografia e Revolução Industrial. Caso o aluno lembre do conteúdo debatido em aula, saberá responder. O aluno que desejar complementar a resposta poderá pesquisar o assunto. O aluno que não esteve na aula ou não lembra do debate, não achará o conteúdo facilmente numa busca trivial, ele precisará pesquisar o assunto e entender o que estava acontecendo na época. Isso exi-

ge habilidades importantes de pesquisa, concentração, análise de contexto e interpretação de texto.

Devido ao diálogo estabelecido com os alunos, todos estão cientes da diferença entre consulta e cópia, portanto provas com trechos idênticos ou copiados da internet são anuladas.

Aulas

O desenvolvimento das aulas é priorizado no diálogo, na troca com os alunos. Hoje em dia é bastante valorizado pelas universidades privadas o conceito de “metodologias ativas de aprendizagem”. (GEEKIE, 2017). Os professores são, muitas vezes, cobrados para o uso das tais metodologias. Tais metodologias buscam, em seu conceito originário, tirar o aluno do papel de “receptor”, inerte à transmissão de conhecimento do professor para ele, nomeado por Paulo Freire como *educação bancária* (FREIRE, 2013). As metodologias ativas buscam provocar os alunos com atividades que os coloquem ativos no processo de aprendizagem, realizando tarefas, respondendo perguntas, desenvolvendo pesquisas, etc. São formas de mexer como o aluno, buscando que ele esteja presente e atento à aula.

Metodologias ativas podem surgir com atividades mais elaboradas como por exemplo uma rotação por estações (prática também valorizada pela metodologia do Ensino Híbrido); mas pode acontecer também ao dividir a sala e propor um debate entre as partes. Aulas nas quais o nível de discussão precisa ser mais profundo e, portanto, a aula tende a ficar mais densa, podem ser “equilibradas” com uma discussão entre grupos de alunos defendendo pontos de vista diferentes. Tais pontos de vista nem precisam ser os dos alunos, basta que eles aprendam a construir e pesquisar argumentos que dêem embasamento às opiniões que eles estão defendendo (não necessariamente o que eles acreditam na realidade, mas o que eles foram convidados a defender naquele exercício, afinal quase todo ponto de vista tem um argumento coerente). É possível promover diversos debates com temas polêmicos, que dividem os alunos, e o professor pode atuar como um mediador propondo mais argumentos e chamando atenção para que os alunos não fujam da discussão com o trivial “essa é minha opinião e pronto”. Eu inicio as aulas de debate informando que opinião sem ar-

gumento é “achismo” e que vamos exercitar a elaboração de argumentos. Tais aulas trazem conteúdo a ser debatido e aprendido (como o conceito de fotografia e de arte, por exemplo), mas aprende-se muito mais a escutar argumentos diferentes dos seus e construir uma réplica baseada também em argumentos concretos. São aulas nas quais a sala consegue se integrar melhor (tarefa árdua em grupos de 50 alunos, que formam inúmeros pequenos agrupamentos); nas quais os alunos ficam muito ativos e participantes; nas quais alguns vícios são quebrados (como a prática comum, intensificada pelas redes sociais, de compartilhamento de informação ou opinião sem necessariamente reflexão crítica a respeito). São aulas ativas, para aprender conteúdo e para (principalmente) desenvolver a capacidade argumentativa e o senso crítico.

Planejamento

A prática educativa pede planejamento. Quando pautada na busca de envolver os alunos, no desejo de criar um ambiente dialógico, no uso de dados coletados dos alunos para o desenvolvimento de novas estratégias (ensino híbrido), o planejamento é fundamental. Este talvez seja um dos pontos de maior dificuldade em implementar essa atitude educacional (com os princípios da educomunicação) no ambiente da educação formal: o tempo investido em planejamento. Planejar de forma precisa na educação “de larga escala” pode soar com uma tarefa hercúlea. E de fato pode ser assim. Mas há também estratégias para que o planejamento não seja mais uma tarefa árdua na já conturbada vida do professor.

Uma das decisões importantes é priorizar o planejamento entre todas as tarefas necessárias. O planejamento de aulas, o planejamento do curso, as decisões sobre o andamento da disciplina precisam ser vistos como atividades fundamentais. Isso não quer dizer que não há espaço para mudança durante o desenvolvimento da disciplina e até durante a aula. Como falamos de uma educação pautada no diálogo, a mudança é sempre uma possibilidade. Muitas possibilidades estão abertas. E isso é possível pois o professor já se planejou e sabe “aonde quer chegar com aqueles alunos”, ou seja, sabe: quais habilidades técnicas ele precisa que os alunos tenham dominado e quais habilidades técnicas seriam interessantes que os alunos tivessem dominado (o mínimo aceitável

e o desejável); quais competências sociais ele espera que os alunos tenham desenvolvido ao longo do processo; quais resultados práticos os alunos podem extrair do curso.

Trazendo um exemplo prático da disciplina de fotografia, o marco zero de domínio técnico (o mínimo que eles precisam aprender) é operar a câmera no modo manual; o que é possível e desejável que eles aprendam tecnicamente são conceitos mais sofisticados como profundidade de campo e tratamento de imagens; as competências sociais desenvolvidas em aula e avaliadas em prova são a análise de contexto, a capacidade argumentativa e a expressão (linguagem escrita e visual); os resultados práticos que os alunos podem extrair do curso são as imagens de cada exercício que os lembrarão dos conceitos estudados, além de um ensaio fotográfico que poderão utilizar como portfólio ou como representação da expressão individual sobre assuntos que os interessam.

Projeto

O desenvolvimento dos estudos pautado na realização de um produto final, a chamada Pedagogia de Projeto, (PORTAL EDUCAÇÃO, 2014) auxilia o professor no intuito de engajar o aluno com o conteúdo lecionado. Os alunos são estimulados por um desafio e precisam coletar informações para conseguir concluir o que foi proposto. As informações são coletadas durante exposição do professor em aula, mas também da pesquisa dos alunos e da tentativa e erro. Pequenos projetos propostos a cada encontro criam relevância para o que os alunos verão naquela aula, ou seja, o que o professor está explicando é importante para que eles consigam concluir o objetivo daquela aula, e os alunos percebem isso. O projeto é importante para que o aluno perceba sozinho a importância da aula, pois não é suficiente apenas que o professor exponha que “o conteúdo de hoje será importante na vida de vocês”. O aluno precisa ser desafiado, perceber que necessita de instrução e assim ele estará mais disposto a ficar possíveis 30 minutos parado escutando uma explicação. E depois poderá completar seu estudo pesquisando sozinho o que for necessário para concluir a tarefa. Um exemplo prático de estrutura que funciona muito bem é iniciar a aula com grandes exemplos, propor aos alunos que realizem algo semelhante e depois explicar as ferramentas para isso. Propositamente é possível também deixar

algumas habilidades “não explicadas” para que os alunos sintam falta de tais informações e questionem o professor. A resposta à dúvida de um aluno tende a prender mais a atenção dos demais alunos do que uma exposição feita pelo professor sem que haja solicitação primeiro. O exemplo prático é, em uma aula de fotografia, iniciar mostrando imagens de chuva, deitas por grandes fotógrafos. Nomear os fotógrafos, contar sobre eles, explicar sobre onde as imagens foram publicadas. Criar interesse. Chamar atenção para que algumas imagens têm congelamento e outras têm rastro. Posteriormente desafiar os alunos a produzirem imagens com efeitos semelhantes. Alguns saberão como realizar tecnicamente, muitos terão dúvidas, assim inicia-se um debate (diálogo) no qual alguns alunos trazem respostas (valorizando o conhecimento prévio dos alunos) e o professor pode completar as respostas com outras informações ou provocar a discussão na intenção do que ele precisa para aquela aula (mediação). Cria-se um ambiente educ comunicativo naquela sala de aula a partir da postura de interação do professor com a turma, pautada em um planejamento prévio cuidadoso. Ainda que o ambiente institucional seja diferente, no espaço da sala de aula o professor terá promovido um ecossistema comunicativo equilibrado (CITELLI, 2011), valorizando a aprendizagem dos alunos sem conflitar com as determinações institucionais. É a educação possível.

Outro caminho importante da pedagogia de projetos é ter projetos maiores (e muitas vezes utilizados para avaliação) ao longo do processo, além de um grande projeto final. Também é fundamental que em tais projetos que os alunos possam não apenas “cumprir desafios”, mas também trabalhar assuntos e temas que sejam caros a eles, que façam sentido em suas vidas.

Expressão, reflexão e exercícios

Ao longo do desenvolvimento de um curso, uma disciplina, o professor poderá (e muitas vezes será cobrado por isso) estabelecer exercícios avaliativos. Tais exercícios devem ser pensados para o desenvolvimento das habilidades (técnicas e sociais) que o professor definiu em seu planejamento. Por exemplo, o planejamento descrito acima, da aula de fotografia, determina que os alunos precisam ter domínio técnico sobre o equipamento mas que também sejam capazes de diálogo e de contextualização de questões. Para tal, um exercício

proposto é que eles fotografem e entrevistem imigrantes. Tal exercício é desenvolvido em parceria com a disciplina de áudio e os resultados são publicados em um site. Os alunos apresentam em sala o exercício e frequentemente fazem reflexões que vão tanto no sentido técnico quanto no social, por exemplo: “a iluminação do local estava difícil de fotografar e ali eu entendi o desafio de utilizar a câmera com velocidade baixa de obturador sem permitir que a imagem fique com rastro” ou “a entrevista me sensibilizou demais pois eu entendi o ponto de vista daquela pessoa e mudei o meu, antes eu achava muito ruim receber imigrantes no nosso país, mas agora entendi que é essencial para a vida dessas pessoas”. Tais relatos não são hipotéticos, são reais. Escutados semana passada, semestre passado, ano passado. Relacionar a habilidade técnica com a realidade (ou pequenos recortes da realidade) da sociedade na qual o aluno está inserido resulta em transformações fantásticas. Muitas vezes são transformações que parecem pequenas ou pontuais, mas o que é a educação senão um constante “plantar sementes”? Ver alguns brotos nascerem ao longo de semanas é gratificante.

Outros tipos de exercícios que costumam estimular experiências relevantes são os exercícios de tema livre. Ainda seguindo o exemplo da disciplina de fotografia, os alunos são motivados desde a primeira aula a pensar em um tema sobre o qual produzir um ensaio fotográfico. Ao longo da disciplina é estimulado o diálogo para discutir temas, analisar imagens, entender o conceito do exercício proposto. Professora e alunos desenvolvem conjuntamente as ideias durante o tempo em sala de aula. É importante que o professor reserve tempo em sala para dialogar com os alunos. Muitos professores têm medo de que tempo de atendimento em aula seja visto como dispersão, como se a educação só acontecesse enquanto o professor está trazendo informações de forma expositiva para os alunos. Muito pelo contrário. O momento em que o professor pode sentar e se colocar à disposição de dialogar com os alunos sobre ideias, referências, técnicas e entendimentos de mundo (que são constitutivas de todo o resto) é um momento de profunda riqueza e aprendizagem para todos, inclusive para o professor. Acompanhei uma aluna durante um semestre e ela dizia que queria fazer o ensaio fotográfico sobre feminismo negro, mas por um viés que ela ainda não conseguia formar claramente. Ao longo do semestre conversamos e

compartilhamos. Ela não confiou que o ensaio seria possível e acabou fotografando uma festa. Ao me mostrar a prévia do ensaio, ficou frustrada. No último final de semana de prazo ela providenciou locação, maquiagem, figurino e fez um ensaio sobre rainhas africanas. Foi emocionante ver a aluna expondo seu trabalho para a turma na aula final. Mas a história foi além, a aluna publicou o ensaio em um site especializado em questões de negritude (Mundo Negro) e alguns meses depois em uma revista de grande circulação, com mesma temática (Revista Raça, edição 200). A aluna, que iniciou o semestre sem saber fotografar e com o desejo de falar sobre um assunto que a incomodava, desenvolveu um processo de aprendizado muito bonito de acompanhar, que envolveu inclusive sua família. Ao ser selecionada para expor o trabalho na EXPOCOM a aluna não deixou de agradecer mãe e avó pelo apoio (e por comprarem 5 exemplares da revista na qual a aluna publicou suas fotos).

Este relato envolve: pedagogia de projeto, aulas dialógicas, valorização do conhecimento do estudante, protagonismo do aluno no seu processo de aprendizagem, mediação por parte do educador, planejamento, uso dos dados coletados dos alunos para o desenvolvimento de aulas e temas. Tudo realizado no sistema de ensino superior particular. A educomunicação possível também é profundamente transformadora.

Outro exemplo desta mesma transformação foi ao solicitar que, durante uma aula de fotojornalismo, os alunos fotografassem o trote que estava acontecendo com os calouros da faculdade naquele dia. As imagens que retornaram foram impressionantes por destacar uma postura que podia ser lida como opressora por parte dos veteranos em relação aos calouros. Tais imagens, produzidas por uma turma, foram discutidas com todas as outras turmas daquele semestre, propondo reflexões. Alguns alunos relataram que pela primeira vez estavam refletindo sobre o motivo de acharem graça na exposição do calouro a situações ridículas. Algumas respostas começavam com “fizem isso comigo, fiz com os outros também” e a partir daí, com bastante paciência e certa estratégia, a mediação foi levando a discussão para caminhos mais profundos. Ao final da semana na qual as discussões aconteceram, uma representante do coletivo feminista da faculdade decidiu acompanhar a aula (mesmo não sendo aluna daquela turma) para entender como poderiam agir

nas próximas semanas dos calouros. No ano seguinte foi proposto o mesmo exercício de fotojornalismo na semana de recepção de calouros, mas as imagens registradas foram muito diferentes. O próprio trote na universidade foi diferente, menos tumultuado, com menos incidentes. Seria irresponsável afirmar categoricamente que a mudança no trote está diretamente relacionada aos debates em sala de aula, entretanto não há motivos para negar que pode haver relação entre os dois momentos.

Está acontecendo

A conclusão desse texto precisa iniciar com uma afirmação importante, uma determinação de ponto de vista: a educomunicação não deve estar somente na responsabilidade do professor. O professor não é o único responsável pela educação, enquanto instituição ou modelo. É muito importante que escolas, universidades e instituições de ensino em geral estejam preocupadas com seus modelos educacionais, com as competências a serem trabalhadas, com a ideia de abandonar o ensino unidirecional centrado na figura do professor. O professor precisa e se beneficia do respaldo da instituição, assim como os alunos e toda a comunidade envolvida também beneficiam-se. Uma das áreas de intervenção da educomunicação, enquanto campo, é a área de Gestão da Comunicação (CITELLI, 2011), que idealmente engloba toda a comunidade envolvida naquele processo educacional. Seria, portanto, a instituição pautada em ambientes educacionais desde as decisões de gestão até a prática com os professores e em sala de aula. Esse seria o cenário “macro” da gestão da comunicação pensada a partir da educomunicação: a escola pautada na educomunicação desde a gestão. Este texto, que agora chega à conclusão, pretende trazer exemplos e práticas aplicadas ao “micro” cenário da gestão da comunicação: a gestão feita em sala de aula, que preza o diálogo, o processo e a troca entre professores e alunos. É fundamental deixar claro que o texto presente busca trazer caminhos ao professor que deseje uma prática educacional, não onerar ainda mais a figura do professor, muito menos isentar a instituição da responsabilidade de promover espaços mais educacionais e menos instrumentalizantes.

Dentre os caminhos experimentados e estudados, podemos consolidar alguns processos dos quais os professores podem se valer em busca de um ecossistema comunicativo equilibrado em salas de aula:

1. Planejamento
2. Diálogo
3. Devolutiva e acompanhamento
4. Avaliação continuada
5. Pedagogia de projeto
6. Debate, reflexão e expressão

O *planejamento* envolve saber o que a instituição cobra, o que o aluno espera e o que o professor deseja para aquela disciplina. Estabelecer objetivos e estratégias para alcançá-los. O planejamento também é aplicado a cada unidade do curso, cada aula, seguindo a mesma estratégia de saber o que é desejável alcançar com aquela aula e métodos de consegui-lo

Diálogo é fundamental durante o processo e ele acontece mais francamente quando o planejamento está solidamente construído, quando o professor sabe onde quer chegar e se permite flexibilizar o caminho, seguro de seu objetivo final. O diálogo precisa ser premissa na prática do professor, resistindo à tentação do papel de autoridade (e libertar-se desse papel pode ser também um alívio).

Devolutiva a cada exercício é tão importante quanto o exercício, especialmente para os alunos que precisam de mais atenção por desconhecerem o tema.

A *avaliação continuada* permite que o professor tome decisões que favoreçam o aprendizado do aluno antes do final do semestre, enquanto ainda há tempo de corrigir possíveis erros.

A *pedagogia de projetos* facilita o *acompanhamento*, a *avaliação continuada* e o envolvimento do aluno com o assunto, fazendo com que o conhecimento adquirido seja sólido e duradouro.

Debate e expressão colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, protagonista de seu próprio processo. Além disso, relacionam o conhecimento

adquirido à realidade do aluno, desenvolvendo ainda a habilidade de contextualização e análise crítica.

Propor uma prática educomunicativa é um exercício de resistência, pois muitas vezes os ambientes que envolvem o professor o levam à, distraidamente, desviar o caminho e o discurso. Eu mesma já me peguei reproduzindo comportamentos que não eram coerentes com minha ideologia e quando notei eles estavam lá, apenas porque foram “me contaminando” ao longo dos meses de exposição. Comportamentos como: autoritarismo, tendência de “punir” os alunos antes de tentar compreender o contexto, preparação de aulas baseadas apenas no conteúdo (esse é um comportamento tentador quando a instituição exige que você compartilhe com os alunos as apresentações de cada aula). Porém o exercício de resistência é necessário e pode se tornar também um exercício de influência, de propagar aos poucos a educomunicação em um ambiente que antes a desconhecia.

Referências

CITELLI, Adilson O.; COSTA, Maria Cristina (Orgs.). **Educomunicação**. Construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

DWEK, Carol. **Mindset : a nova psicologia do sucesso**. São Paulo : Objetiva, 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

GEEKIE. **Por que metodologias ativas de aprendizagem não funcionam na América Latina?** Dez. 2017. Disponível em <http://info.geekie.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem/>. Acesso em: 07 de maio 2018.

HORN, Michael B. **Blended: usando a inovação disruptiva pra aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015

MUNDO NEGRO. **Colaboração entre mulheres negras resulta em ensaio fotográfico que exalta a realza africana.** Agosto. 2017. Disponível em <https://mundonegro.inf.br/colaboracao-entre-mulheres-negras-resulta-em-ensaio-fotografico-que-exalta-realeza-africana/>. Acesso em: 07 de maio 2018.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Mas, o que é pedagogia de projeto?**. Fev. 2014. Disponível em <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/mas-o-que-e-pedagogia-de-projetos/25952>. Acesso em: 07 de maio 2018.

PORVIR. **Conheça as competências para o século XXI.** Ago. 2012. Disponível em <http://porvir.org/conheca-competencias-para-seculo-21/>. Acesso em: 07 de maio 2018.

REVISTA RAÇA. São Paulo. Ed: Pestana, n. 200.

TED TALK - **Changing Education Paradigms.** Fev. 2010. Disponível em https://www.ted.com/talks/ken_robinson_changing_education_paradigms. Acesso em: 07 de maio 2018.

UNESCO. **Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI.** -- Brasília : UNESCO, 2015.

Sobre a autora:

Carolina Pedrosa Cardoso Itocazo: É educadora, mãe, fotógrafa e pesquisadora. Formada em Audiovisual e mestre em Educação pela ECA/USP. Leciona no curso de Rádio, Televisão e Internet na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. Também é formadora na Sincroniza Educação, atuando com formação de professores da rede pública de ensino. Como educadora, atuou na Escola Livre de Cinema e Vídeo de Santo André e em outras instituições particulares. Como fotógrafa, trabalha há mais de 15 anos no mercado audiovisual.